

Os autores que trataram do índio brasileiro, como os que escreveram sobre os povos "primitivos" em geral, sempre colocaram uma grande distância entre o homem estudado e o observador. O próprio jesuíta, interessado em fazer a apologia do índio, somente mostra que ele é passível de cataquese e, conseqüentemente, de se tornar um homem como nós. Os observadores maiores, como o padre Fernão Cardim, mostram-nos os costumes e atividades dos índios como quem procura revelar um mundo diferente do nosso, apenas fazendo a grande concessão de mostrar que o trabalho e os hábitos, a cultura enfim, atestam que esses homens fazem alguma coisa que podemos compreender e, portanto, eles se poderiam tornar nossos semelhantes depois de longos anos de ensino religioso e de educação cristã em geral, que modelariam as suas almas de acordo com as possibilidades que Deus tinha estabelecido para elas. Mesmo os cientistas, ao apresentarem mais tarde os seus estudos "isentos" de preconceitos, revelam o distanciamento de quem observa e registra algo essencialmente diferente de nós.

Egon Schaden é um dos primeiros e um dos poucos de sua época que, como Niemundajú, elimina esse distanciamento. Elimina-o de modo integral, pois em todos os seus escritos esse sinal de maturidade está presente. Podemos dizer que, além dos méritos do homem e do cientista, está também a grande lição que nos deixou no que se refere à linguagem: o seu pensamento não é expresso de forma conceptual, mas direta; não necessita declarar que o chamado "selvagem" e nós integramos o mesmo universo. Isto já está expresso na maneira de tratar a cultura indígena. Faz-nos lembrar os poetas maiores que não nos mostram a sua concepção da existência através de conceitos ou formulações filosóficas, mas através de dados da realidade relacionados de modo a exprimir o que podemos pensar dessa realidade.

Para encerrar, lembramos que essas características de cientista tinham forçosamente que corresponder a uma criatura marcada pela sensibilidade e pelo idealismo que às vezes fazia dele um sonhador. Aliás, ainda antes da sua aposentadoria, comprou um sítio e dizia aos amigos que o fizera, entre outras coisas, para se sentir como Policarpo Quaresma, essa grande criação de Lima Barreto, que se tornou símbolo maior do idealismo e do sonho.

Fernando Carvalho
UNESP – Araraquara

* * *

MIGUEL ÁNGEL MENÉNDEZ
(1949-1991)

Licenciado em Ciências Antropológicas pela faculdade de Filosofia y Letras da Universidade de Buenos Aires (1977), continuou seus estudos no Brasil, iniciando em 1978 Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de São Paulo – USP. Na FFLCH da USP defendeu tanto o mestrado ("Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira" – 1981), quanto o doutorado ("Os Kawahiwa. Uma contribuição para o estudo dos Tupi Centrais" – 1989).

Era colaborador, desde 1982, do Centro Ecumênico de Documentação e Informação – DECI, em São Paulo, para o levantamento da situação atual dos Povos Indígenas do Brasil. De 1981 a 1983

lecionou Antropologia na Sociedade Civil de Educação S. Marcos, São Paulo. Nesse período também deu aulas na Universidade Paulista – UNESP/Campus de Araraquara, como professor convidado, ministrando na Faculdade de Ciências Farmacêuticas o curso "Iniciação à pesquisa científica".

Quando, em 1983, passou a integrar, como professor de Antropologia, o corpo docente do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras (então ILCSE) desse Campus da UNESP, mudou-se para Araraquara, onde desenvolveu intensa atividade até que, sem qualquer chance de tratamento, um câncer das vias biliares o vitimou de forma muito rápida e brutal. Miguel Menéndez era incansável e cheio de entusiasmo em todos os projetos que desenvolvia. O trabalho de campo, na aldeia do rio Marmelos/AM, o transformou em fiel amigo dos tenharim (Tupi-Kawahiwa), em particular do Tuxáua Alexandre (Mutum), que passou a considerá-lo seu aliado, incorporado que foi à metade Kwandu. Em 1984, financiou a vinda do tuxáua a Araraquara e o acompanhou a Brasília, para que ele realizasse seu desejo de participar do II Encontro de Lideranças Indígenas (2 a 5 de abril). Em outra ocasião, acompanhou a São Paulo e auxiliou uma família tenharim, intercedendo junto à FUNAI e às autoridades sanitárias para que uma adolescente indígena surda-muda recebesse aparelho e tratamento médico. Foi coordenador do G.T. da FUNAI para identificação e delimitação das Áreas Indígenas Rio Marmelos, Igarapé Preto e Rio Sapoti, uma tarefa difícil, executada com grande habilidade e resguardando os interesses dos índios, num momento de muito conflito, provocado particularmente pela presença da Paranapanema (Mineração Taboca) na área.

Em junho de 1984, passou a coordenar, juntamente com a docente Silvia M. S. Carvalho, o Centro de Estudos Indígenas da FCL-UNESP/Araraquara, imprimindo a este (fundado em 1982 como "Grupo de Estudos") um dinamismo todo especial, dedicando à sua organização e funcionamento praticamente todas as horas livres de que dispunha. Definiram-se assim os programas de pesquisa e de atividades, inclusive as Semanas de Apoio à Causa Indígena, que o Centro passou a organizar todos os anos no mês de abril, com um programa de palestras, mesas-redondas, montagem de exposições e projeções de áudio-visuais. Intensificaram-se também, com a atuação de Miguel Menéndez, os contatos do Centro com professores e alunos de 1º e 2º graus da rede municipal de ensino, oferecendo o Centro assessoria na questão indígena e montagem de exposições itinerantes.

Com verdadeira devoção para formar e encaminhar todo e qualquer aluno que se mostrasse interessado e disposto a estudar e trabalhar seriamente dentro das propostas do Centro, sempre encontrava tempo e disposição para reuniões de orientação, até mesmo em fins de semana. Iniciou alunos interessados em Teoria Antropológica, Etnologia, Etno-história, Arqueologia, orientando estágios e pesquisas de iniciação científica, que levaram vários alunos integrantes do Centro a uma Pós-Graduação em Antropologia.

Excelente pesquisador, fez levantamentos importantes de documentação inédita em arquivos e de coleções etnográficas em Museus, não só em várias localidades brasileiras, como também em Évora, Lisboa, Buenos Aires e em Roma, onde iniciou trabalhos conjuntos com docentes da Cátedra di Religiosi dei Popoli Primitivi del Dipartimento degli Studi Storico-Religiosi da Universidade de Roma ("La Sapienza"), dentro de um convênio firmado por iniciativa dele pela Reitoria da UNESP.

Editor e coordenador de TERRA INDÍGENA, publicação do Centro, dedicou especial atenção ao trabalho de tradução de artigos em língua estrangeira, que pudesse constituir, assim, uma devolução a grupos indígenas interessados num avivamento de sua memória tribal, uma vez que o boletim vem sendo enviado a um grande número de lideranças indígenas de todo o Brasil. Enviado

também para o exterior, TERRA INDÍGENA (ISSN 0103-2437) passou a repassar material de reflexão sobre a questão indígena para outras entidades congêneres.

As publicações de Miguel Menéndez são valiosas para todos que se interessam pela Etnologia indígena, em particular desta área Tapajós-Madeira, ainda tão pouco conhecida:

"Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira". *Revista do Museu Paulista*, n. s., 28: 289-388. São Paulo, 1982.

"Os Tenharim, um grupo tupi à beira da Transamazônica". *Terra Indígena*, nº 25, ILCSE/UNESP, Araraquara, junho, 1984.

"Contribuição ao estudo das relações tribais na área Tapajós-Madeira". *Revista de Antropologia* 27/28: 271-286. São Paulo, 1984/1985.

"A presença do branco na mitologia Kawahiwa: História e identidade de um povo Tupi". *Studi e Materiale di Storia delle Religioni*, n. s., XI, 1-53: 75-97, L'Aquila/Roma, 1987.

"As categorias Tenharim/Kawahiwa de classificação da humanidade e sua manipulação". *Terra Indígena*, nº 53, ILSCE/UNESP, Araraquara, março/abril, 1988.

"L'altra faccia del Brasile: la questione indígena". *Caritas Notizie (Speciale Amazzonia)*, 18, Genova, luglio/settembre, 1989.

"Lhi villaggi Tenharim". *Caritas Notizie (Speciale Amazzonia)*, 18, Genova, luglio/settembre, 1989.

"Popoli sotto tiro". *I diritti dei Popoli*, 11-12, Roma, novembre/dicembre, 1989.

Menéndez deixou muitos projetos inacabados, que docentes e alunos seus amigos se propõem a terminar, estimulados pela importância desses e pelo "élan vital" que a sua memória deixou em todos nós.

Silvia S. S. Carvalho
UNESP – Araraquara